



ID: 115372623

29-01-2025 | CARIZ RELIGIOSO DIGITAL

Igreja/Abusos: Novo relatório destaca «adesão crescente» por parte das estruturas católicas a ações de formação e prevenção

Grupo Vita apresentou estudos sobre catequistas, professores de EMRC e vivência do celibato

O Grupo Vita, organismo de acompanhamento das situações de violência sexual na Igreja Católica em Portugal, destacou hoje a “adesão crescente” por parte das estruturas católicas a ações de formação e prevenção de abusos de menores.

“O Grupo Vita tem priorizado as ações de capacitação das diversas estruturas eclesiais, verificando-se uma adesão crescente por parte destas, especialmente nos últimos seis meses – o que poderá traduzir uma maior consciencialização e reconhecimento da necessidade formativa, enquanto motor agente de mudança”, assinala o documento, enviado à Agência ECCLESIA.

O organismo refere que tem vindo a realizar “diversas ações de formação e capacitação que abrangeram um universo de cerca de 2700 pessoas, um aumento de cerca de 59% em seis meses”.

As iniciativas sublinham a importância da “tolerância zero” e da criação de canais de denúncia, tendo sido já solicitadas por 50% das dioceses portuguesas.

“Acreditamos que nos próximos meses chegaremos aos 100%”, disse, na conferência de imprensa de apresentação do relatório, Rute Agulhas, coordenadora do grupo Vita.

A responsável começou por agradecer à Conferência Episcopal, sublinhando que “tem permitido sempre tomar as nossas decisões de forma autónoma e de forma independente”.

“Sentimos que neste ano e meio tem havido um caminho de confiança”, acrescentou, referindo-se ainda a outras instituições da Igreja Católica em Portugal.

No [terceiro relatório](#) publicado em 20 meses de atividade, divulgado em Lisboa, o organismo adianta conclusões de trabalhos científicos desenvolvidos no letivo 2023/2024.

‘A prevenção do abuso sexual numa amostra de catequistas: avaliação de necessidades e crenças sobre a problemática’, de Inês Cordeiro (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa), mostra que “os catequistas valorizam a formação nesta área para serem capazes de recorrer a materiais ou programas de prevenção, mas consideram que a responsabilidade da prevenção é, sobretudo, das famílias e que o tempo na catequese é limitado para abordar o tema, reforçando a importância de incluí-lo nas ações de formação e prevenção”.

“Os participantes referem que os programas de prevenção devem ser adequados ao contexto catequético e aos catecismos, mas quando são questionados acerca dos temas específicos da catequese que poderiam ser articulados com os temas da prevenção primária do abuso sexual (corpo e privacidade; toques adequados e não adequados; segredos seguros e não seguros; comunicação assertiva: dizer sim, dizer não; emoções; pedir ajuda), não conseguem fazê-lo”, acrescenta o relatório, apresentado hoje em Lisboa, numa conferência de imprensa.

Um segundo estudo, da autoria de Beatriz Pires (ISCTE), abordou “Crenças sobre o abuso sexual infantil e a intenção de prevenção do abuso sexual em professores de Educação Moral Religiosa e Católica em Portugal.

Participaram neste estudo 784 professores, dos quais 55,3% referiu ter conhecimentos sobre o abuso sexual.

“Os resultados indicam uma associação negativa entre as crenças que legitimam o abuso sexual infantil e a intenção de adotar medidas preventivas, e uma associação positiva entre as crenças relacionadas com a resolução de situações sexualmente abusivas e a intenção de aplicação de materiais e programas de prevenção do abuso sexual infantil”, pode ler-se na síntese apresentada à imprensa.

O estudo sublinha “a importância das ações formativas que procurem capacitar diferentes profissionais sobre a problemática do abuso sexual, destacando os benefícios do envolvimento dos professores neste processo”.



Foto: DP